

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Fábia Dovigo Pais

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Fábria Dovigo Pais foi curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Pedro Ferreira Alves, em Mogi Mirim/SP, criado em 2015, por ela que era professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), em 2014. A professora tem artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 27 de outubro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 41 minutos e 43 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 16

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume

específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 27/10/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 18 a 31 de março de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 7 de abril de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Bom dia, professora Fábila Dovigo Pais, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista hoje, que é dia 27 de outubro de 2020, para o nosso Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Essa entrevista vai fazer parte, o vídeo, depois a transcrição da entrevista, para o Programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, e a minha decisão de

começar a entrevistar os nossos professores, que são curadores de Centro de Memória, é para que também a gente deixe esses registros de quem somos nós, o que nós fazemos. Eu gostaria que a professora pudesse contar para nós sobre a sua trajetória, onde você nasceu, o que você estudou, como é que você tomou a decisão de seguir essa carreira, qual foi o seu percurso enquanto professora até chegar no Centro Paula Souza?

Fábria Dovigo Pais (FDP): Muito bem, bom dia, professora Maria Lucia, eu agradeço o convite para conceder essa entrevista para a História Oral da Educação Profissional, estou muito feliz mesmo, sentindo privilegiada pelo convite para compor esse material todo, que a gente já vem produzindo há muito tempo, então é uma satisfação imensa. Bom, professora Maria Lucia, como começou a minha vida, acho que a minha profissão está muito ligada com a minha infância e com a minha família, eu nasci na cidade de Mogi Guaçu, aqui no interior de São Paulo, próxima Campinas. Mogi Guaçu e Mogi Mirim são cidades vizinhas, a minha mãe é mineira, minha mãe veio lá de Minas Gerais, a região de Monte Sião, Santa Rita do Sapucaí, meu pai é descendente de italiano, então nós somos de uma família muito grande. Por um lado, do meu pai, e a minha infância foi conviver com primos, com os primos, com as primas, muito almoço em família, e quando eu era criança, junto com os meus primos, nós sempre estivemos muito envolvidos com arte, eu lembro que os meus primos faziam cinemas, através de slides e projetavam para a gente os heróis da época, da década de 1970. Eu nasci em 1972, então eu tive uma infância em que me envolvia muito com a arte, isso era muito comum. Depois os meus primos mais velhos, porque eu sou a filha mais velha dos meus pais, mas uma das netas mais novas do meu avô paterno, do meu avô e da minha avó. Então, quando os primos mais velhos foram crescendo, muitos deles foram para a área da educação, e a gente sempre tem alguns que a gente se aproxima mais, que a gente gosta mais e tudo mais ali, tem mais identidade, e eu sempre fui me identificando mais com eles, me aproximando mais desses primos mais velhos que foram para a educação. Além do mais, quando eu era muito menina, eu fiz o infantil, o pré, na época, eu fiz o pré, eu fiz a primeira série, que hoje é o Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2, eu fiz o Ensino Médio, e quando menina, eu brincava muito de escolinha, enquanto todas as meninas estavam brincando de boneca, eu ia de escolinha ali. Então, o mundo escolar me atraía muito, eu sempre gostava muito de estudar do mundo escolar, isso sempre me atraiu. Eu confesso que eu fui desenvolvendo cada vez mais essa vontade pela educação, e desde menina, desde muito adolescente. Eu gostava muito de política, gostava de entender a sociedade, de entender o comportamento humano na sociedade, sabe, isso era uma coisa minha, desde adolescente. Quando eu fiz o Ensino Médio, perdão, o Ensino Fundamental, eu fui presidente de grêmio estudantil, eu participava, organizava muitas gincanas, então, eu tinha o perfil de uma aluna um tanto

habilidosa, eu tinha habilidade por várias áreas. Quando eu fiz o Ensino Médio, estava mudando o currículo, era uma época em que se fazia o Ensino Médio com o curso técnico. Então, em Mogi Guaçu tinha a FEG, e a FEG Mogi Mirim; Monsenhor Nora, Luiz Martini, em Mogi Guaçu também. Então, essas três escolas, elas ofereciam o curso técnico, mas o Luiz Martini e o Monsenhor Nora só ofereciam o magistério, e a FEG, em Mogi Guaçu, oferecia o magistério e o curso técnico em edificações. E tinha a Etec, em Mogi Mirim, é claro. A Etec Pedro Ferreira Alves, que tinha o curso de Mecânica, o curso de Secretariado, ali na década de 80, final da década de 80, quando eu já estava fazendo Ensino Médio. Minha mãe jamais pensava em deixar eu estudar na outra cidade, apesar de ser perto, não tinha essa preocupação, os pais queriam a gente próximo deles ali. Então, minha mãe jamais me deixaria estudar aqui em Mogi Mirim para fazer Secretariado. Eu tive uma prima que fez, morando em Mogi Guaçu, eu não. E o magistério, eu não tinha muito interesse em fazer, porque, na verdade, eu não tinha interesse em alfabetizar, eu gostava da educação, mas não gostava da alfabetização, isso era certo. E depois, como estava mudando esse currículo, como eu disse, da passagem ali dessas escolas que só ensinava os cursos técnicos, como estava havendo uma mudança curricular no Ensino Médio, eu lembro que eu terminei o Ensino Fundamental num ano, e não no ano seguinte, mas no outro, entraria uma grade curricular para o Ensino Médio, onde a oferta seria maior do Ensino Médio em várias outras escolas estaduais, e o currículo seria completo. Então, eu teria língua portuguesa, inglês, filosofia, psicologia, história, geografia, química, física, matemática, biologia. E aquilo me cresceu os olhos, eu falei: - nossa, é isso mesmo que eu quero.

MLMC: Que ano você começou o Ensino Médio?

FDP: Eu comecei o Ensino Médio em 90, 1990, eu comecei o Ensino Médio. Então, essa mudança, ela abriu meus olhos, eu falei: - nossa, vai ser muito bom para mim, esse currículo completo, porque ao final do Ensino Médio, eu vou conseguir observar o que eu realmente quero. Mas, eu acho que era o realmente quero, no sentido de qual área eu iria lecionar, porque eu sempre, desde o Ensino Médio, me via sendo já professora. Então, já no Ensino Médio, ali no início da década de 90, eu tinha isso comigo, que eu queria lecionar. Então, eu terminei o Ensino Médio, e fiz, cursei, os três anos do Ensino Médio, na cidade de Mogi Guaçu, em escolas próximas da minha casa. O primeiro e o segundo ano eu cursei no Luiz Martini, e a metade do segundo ano para o terceiro, eu cursei na escola que era mais perto da minha casa ainda. Ou seja, até estudar no Luiz Martini, que era a escola lá no centro, para a minha mãe era demais, então a proteção dos pais. Então, um ano e meio eu fiquei no Luiz Martini, e o outro ano e meio eu fui estudar na escola no bairro perto de casa, e professores

excelentes. Eu tive um Ensino Médio muito bom, professores excelentes, e eu sou muito grata. Quando eu terminei o Ensino Médio, o professor Osvaldo Luiz Miranda, trabalhava na Etec Pedro Ferreira Alves de Mogi Mirim, e eu não escondo isso de ninguém, sabe Maria Lucia? Minha mãe era empregada doméstica dele, olha como a vida era. Minha mãe era empregada doméstica do professor Osvaldo Luiz Miranda lá da Etec, e ele acompanhava a nossa vida de alguma maneira. Então ele perguntou para a minha mãe: - Marina, o que a Fábria vai fazer quando ela terminar o Ensino Médio? Minha mãe disse assim: - olha, senhor Osvaldo, ela disse que quer fazer Psicologia, mas para ela fazer Psicologia ela tem que ir embora para Assis, que lá é que tem a escola pública, que ela não vai pagar, do jeitinho dela foi explicando. Ela disse que queria fazer em Campinas, mas nós não tendo dinheiro para pagar, enfim, professor Osvaldo, ela vai precisar trabalhar e estudar ao mesmo tempo, porque senão eu não consigo deixar ela estudar. Então, o professor Osvaldo entrou em contato comigo, a gente conversava, eles eram excelentes mesmo, como pessoas, como são até hoje. O professor entrou em contato comigo me perguntando, e eu disse: - eu quero fazer Psicologia, professor Osvaldo, mas tenho dúvida na educação, sempre quis ser professora. E aí ele foi conversando comigo, mas professora do quê? Então, eu fui conversando, acho que eu quero ser professora de língua portuguesa, eu gosto muito da linguagem, gosto de leitura, gosto de escrever, acho que eu quero ser professora de língua portuguesa. E aí, então, ele foi conversando comigo, dizendo que ele fazia História, a Faculdade de História em Amparo, na cidade de Amparo, aqui interior de São Paulo, e que estavam mudando as diretrizes da educação e o professor de História tinha que ser formado. Ele tinha que ter licenciatura plena em História para lecionar, e o pedagogo seria uma segunda opção, e que o mercado, ali do magistério ia precisar de muitos professores de História. Eu pensei comigo, falei: - mas História, eu gosto, eu gosto, exige leitura, linguagem, eu falo de pessoas, eu vou observar ali o comportamento das pessoas, pois Maria Lucia foi a melhor decisão da minha vida. Porque História, como eu acabei de falar, a gente analisa o comportamento das pessoas, a gente observa a sociedade, a gente fala de política e a gente fala de memória. Então, eu digo sempre que o meu ingresso na Etec, depois, foi uma consequência também de tudo isso, de todo esse resultado.

MLMC: Em que ano você foi fazer História e onde?

FDP: Eu fui fazer História, hoje é a Universidade de Amparo, que é a denominação dela, e eu comecei História, Maria Lucia, em 1992.

MLMC: E você trabalhava ou você foi morar na cidade? Como foi?

FDP: Sim, eu trabalhava, eu sempre vivi na cidade, meu pai é operário, eletricitista industrial, que Mogi Guaçu é uma região de muitas cerâmicas, então, eu sempre morei na cidade e a minha mãe é doméstica e artesã. Eu sempre morei na cidade. Maria Lucia, desculpa, faz a sua pergunta de novo.

MLMC: Não, eu perguntei se você mudou para Amparo, eu fiquei preocupada.

FDP: Não, eu não mudei para Amparo, eu morava na cidade de Mogi Guaçu, era um grupo muito pequeno que estudava em Amparo, nós éramos, assim, 14 professores, alunos que faziam faculdade em Amparo, e a gente viajava todo dia, a gente ia e voltava todo dia, era uma viagem longa, 70 quilômetros de ida e 70 quilômetros de volta. Ingressei na faculdade de Amparo, então, em 1992. Eu vivia na cidade, então, eu não tive problema, foi tranquilo. Ah, sim, Maria Lucia, me lembrei. E eu trabalhava na época, quando eu estava terminando o ensino médio, que eu ingressei na faculdade, eu era costureira industrial, eu era costureira industrial, os empregadores também, eles nunca, assim, colocaram empecilho para que eu estudasse. Então, tinha que fazer as horas extras, mas era tudo encaixado, porque a dona da confecção, ela queria que a gente estudasse, ela incentivava, então, ela vinha, conversava comigo, perguntava de como eram as atividades ali do estudo, se estava dando tudo certo, e consegui. Consegui conciliar a faculdade, o estudo, e foi bem interessante. Porém, quando eu já estava com um ano e meio de faculdade, naquela época, por conta da mudança do currículo e do ingresso dos professores de História no mercado do magistério, eu comecei a lecionar História com um ano e meio, isso foi dia 28 de maio de 1993. Então, eu era estudante de História, eu tinha feito três semestres, e na época eu já podia lecionar, então, eu ingressei muito jovem também no magistério, com 19 anos, eu comecei a lecionar História, primeiro para o Ensino Fundamental, ali para a quinta, sexta, sétima série, e depois eu fui para o Ensino Médio. Comecei a lecionar para o Ensino Médio, totalizando, foram sete anos aproximadamente de exercício da profissão na rede estadual de ensino, um ano em escola particular, e acho que eu fiz um ano como coordenadora pedagógica numa escola estadual também. Nesse ano, que eu fui coordenadora pedagógica na escola, ocorreram umas mudanças no currículo escolar, e a disciplina de História, ela foi muito reduzida, então, por exemplo, em algumas séries, quatro aulas de História na semana, em outras havia três aulas de História na semana, e aí em 1996, houve uma reforma também curricular do Ensino Médio, e essas aulas de História reduziram de quatro e três para duas aulas em todas as séries. E, eu fiquei meio sem aula, eu estava na coordenação com um mínimo de aula de História, mesmo com aproximadamente sete anos já do exercício do magistério. E aí, de novo, o professor Oswaldo entra na minha vida, eu encontrei com ele, e ele tinha comentado comigo

que haveria um concurso público na Etec Pedro Ferreira Alves, ele me avisou desse concurso, eu fiquei meio assim. E aí, na mesma semana, o meu primo, que é engenheiro mecânico e que também já dava aula na Etec, o Márcio, o professor Márcio Silvério, também entrou em contato comigo, ligou em casa e disse: - Fábia, vai ter concurso de História na Etec Pedro Ferreira Alves, a professora Leico (Leico Nichi) vai se aposentar e vai mudar para a cidade de Jales. Isso, Jales. Você não quer prestar o concurso? E eu continuei pensando, falei, caramba, eu nunca estudei lá, sei do quanto a escola foi importante para o ensino técnico, nunca estudei lá, e agora você é docente? Ah, Maria Lucia, eu confesso que eu não pensei duas vezes, eu sempre fui meio... eu sempre gostei de desafios, algo diferente na minha vida, assim, e eu sempre quis permanecer numa escola, eu acho que todo professor, ele quer realizar o projeto dele de forma mais permanente, numa escola, e aí eu pensei, eu acho que lá eu vou conseguir fazer isso. E eu sempre me interessei pelo ensino técnico, sabe, assim, sempre mesmo, apesar de lecionar na escola estadual, eu sempre gostei do ensino técnico, sempre lia a respeito dele. E aí, então, ingressei na Etec Pedro Ferreira Alves através de um concurso público, foi a primeira aprovada, eu ingressei no Centro Paula Souza, no dia 2 de agosto do ano de 2000, e de novo, influenciada pelo professor Oswaldo Luiz Miranda, que na época era professor da área de Secretariado de lá. E, então, eu costumo dizer até que o professor Oswaldo Luiz Miranda, ele é meio meu padrinho. Eu sou o que eu sou, eu devo muito, eu sou o que eu sou por causa do professor Oswaldo.

MLMC: Você entrevistou o professor Oswaldo? Ele precisa entrar para a história aí da escola.

FDP: Precisa, Maria Lucia. O professor Oswaldo, eu ainda não entrevistei ele, porque ele tem uma vida corrida, ele se aposentou como diretor de uma escola em Mogi Guaçu, mas ele fica entre Mogi Guaçu e Andradadas, e teve um ano que eu fiz um projeto para o nosso encontro de memória, e eu teria que ter entrevistado ele, só que no momento da entrevista ele foi para Andradadas, e eu não consegui. Ele estava em viagem, e eu não consegui entrevistar ele, mas agora eu vou, eu preciso fazer isso. Principalmente, porque depois eu conheci o meu esposo, que era da cidade de Mogi Mirim, e ele tinha feito, ele fez o curso Técnico em Secretariado na Etec, no ano de 1987. Nessa ocasião, e quando eu conheci o meu esposo, que ele comentou que ele foi aluno da Etec, eu ainda não era professora da Etec, ele comentou comigo que o professor Oswaldo tinha dado aula para ele, e que o professor Oswaldo era um excelente professor e tinha, assim, influenciado muito a vida dele. E aí eu comentei, olha, então nós temos algo muito em comum, porque o professor Oswaldo também influenciou muito a minha vida, né. Então, é uma história pessoal mesmo ligada à profissional, e você tem razão, eu preciso entrevistar o professor Oswaldo com certeza.

MLMC: E você, assim, eu gostei muito na sua entrevista dessa relação do professor influenciando o aluno na sua carreira. E realmente isso acontece com todos nós, eu também sou química graças a um professor. Devido às atividades do meu pai, que não era engenheiro, mas trabalhava com os engenheiros, também eu sei que a minha formação de ter feito engenharia tem relação com isso. Então você vê como é que a família, os professores, tem uma influência enorme sobre o adolescente, que tem muitas dúvidas. Quando eu estou te ouvindo, eu fiquei pensando, poxa, eu também tinha essa cabeça de adolescente, com muitas possibilidades, só que você sabe que, embora eu também sempre trabalhei para estudar, eu passei na quarta série, naquela época era no ginásio, que hoje seria a oitava série, eu passei para a noite para poder começar a trabalhar. Todo o meu colégio à noite, trabalhando durante o dia, mas mesmo trabalhando desde criança, porque comecei a trabalhar com 14 anos, você sabe que eu sempre gostei de estudar, e daí ao estudar, até na faculdade, eu não pensava no que eu ia trabalhar, eu continuava sendo estudante, só me caiu a ficha quando eu entrei na Rhodia e vi o quanto o trabalho é árduo e rotineiro. E, daí eu levei um susto e pensei assim: - ainda bem que eu fiquei muitos anos na universidade, fazendo cursos, porque agora a vida está difícil. Então, aproveitando esse gancho, eu queria assim, como é que você vê, eu sei que você tem atividades também de coordenação, eu lembro que quando fui visitar o Centro de Memória, em Mogi Mirim, você era coordenadora naquele período, e como é que você vê essa relação professor-aluno, nesse período que você conviveu aí com eles? Porque agora a gente, na pandemia, nós estamos um ano quase isolados dentro de casa, mas antes, essa influência você consegue perceber nos alunos?

FDP: Consigo, Maria Lucia, consigo sim. A minha trajetória na Etec foi assim: - eu ingressei no dia 2 de agosto de 2000, e quando foi no ano seguinte, o diretor Magalhães (Roberto José Magalhães), que era o diretor da época, ele me convidou para ser assistente técnico de direção. Eu falei: - nossa, caramba, acho que eu devo ser boa mesmo. Acho que eu devo ser uma pessoa muito dedicada à educação, com muito compromisso e responsabilidade. Como eu sempre fui, eu sou assim, eu sou de muito compromisso e responsabilidade, com educação e tudo mais. E aí, a minha trajetória na Etec também foi assim, eu fiquei quase 6 anos como assistente técnico de direção, que era ATD que falava. Então, ao lado do professor Magalhães, eu trabalhei muito a questão assim de implementação de cursos, contato com empresas e contato com aluno também, porque ATD tinha contato com aluno também. Então, nesses seis primeiros anos, seis, quase sete primeiros anos de Etec, o meu convívio com o aluno, eu confesso que foi um pouco distante, mas para mim foi extremamente positivo, porque eu fui me aprofundando mais ainda nas questões da escola técnica, isso me deixou muito feliz. Em seguida, eu tive meu filho. Assim, nesses seis primeiros anos, acho que foi em

2005, meu filho nasceu, e aí eu confesso que quando se tem família para a mulher é mais difícil conciliar, assim, um cargo que exige tanta presença. Eu sei que outras mulheres até conseguem fazer isso, mas na época eu não consegui. Então, eu retornei para a sala de aula, quando o meu filho nasceu, e eu retornei para a sala de aula com poucas turmas. O meu retorno foi em 2009, que eu retornei para a sala de aula, meu retorno foi com poucas turmas, e aos poucos eu fui aumentando. E, também ocorreu a expansão do ensino profissionalizante, do governo do José Serra, então as minhas aulas foram aumentando, e eu fui, eu confesso, que eu tive que voltar a aprender dar aula. Então eu estudava muito mais para poder dar aula, preparava muito mais as aulas, então o ato de estudar sempre teve presente na minha vida. Então, eu fui influenciando os alunos a partir daí, conforme a sua pergunta agora, eu fui influenciando sim, os alunos a partir daí. Eu sinto que eu tenho certa influência sobre eles, uma influência positiva, sim. Muitos deles até chegam para mim e dizem assim: - professora, eu vou seguir a área do magistério. E aí eu pergunto: - mas o que você quer fazer? Ah, eu quero fazer matemática, eu quero fazer química, eu quero fazer biologia, eu quero fazer história. Eles vêm, eles vêm contar para mim, sim, que eles querem fazer magistério. Alguns me surpreendem, eu quero fazer história, a senhora me incentivou muito, a senhora me influencia muito, a maneira como a senhora ensina história, faz enxergar história de um jeito diferente. Ah, eu estava fazendo lá o Enem, e tinham tantas questões lá de História, todas elas eu lembrei da senhora, a senhora me ajudou. Professora, eu fui muito bem no Enem em História. Então, eu acho que é o ato de estudar sempre, de perceber a atualidade, de perceber, como se diz, a tendência das coisas, do mundo da educação, me atualizando sempre, eu acho que isso vai me aproximando um pouco dos alunos, e eles vão se influenciando. Maria Lucia, eu acho que é dessa maneira que eu os influencio, sabe? E é curioso...

MLMC: E como é que surgiu o seu interesse pelo centro de memória?

FDP: Ah, então o interesse pelo Centro de Memória, ele foi... ele foi diferente, sabe? Foi diferente e não foi. Quando eu fiz faculdade, eu fiz monografia, era monografia que chamava na época. E a minha monografia era sobre a energia elétrica aqui na cidade de Mogi Mirim, de Mogi Guaçu. E aquilo ficou na minha cabeça, ter ido para biblioteca, ter mexido nos jornais antigos e tudo mais. Aquilo mexeu comigo. Mas quando você vai para sala de aula, há um tempo, a historiografia não se preocupava tanto em ensinar isso aos alunos, os livros didáticos, por exemplo. Não era essa a preocupação. Então, eu fiquei com aquilo, nossa, mas a história, ela envolve a memória. Eu sempre fiquei com aquilo, mas nunca tendo oportunidade de aplicar a memória efetivamente. E quando eu voltei a dar aula, em 2009, a

diretora da ocasião era a professora Hirlei (Hirlei Felicidade Assunção Magalhães). E ela chegou para mim e disse assim: - Fábria, chegou esse livro aqui para nós da biblioteca. Era o primeiro livro que vocês tinham produzido, Maria Lucia. O livro vermelho, eu não vou lembrar o título dele agora.

MLMC: Cultura, Saberes e Práticas.

FDP: Exatamente. Da capa vermelha, e ela me deu aquele livro, e eu gosto de novidade e tudo mais, e eu li o livro em uma semana. Eu falei: - nossa, mas que coisa interessante, disse 2009. Depois, como eu ainda tinha poucas aulas, foi demorando para eu perceber outras atividades que o Centro Paula Souza estava fazendo. Porque eu estava na fase de transição, saindo das atividades que eram administrativas e voltando para aquelas atividades que eram do docente. E aí, em conversa com o Wagner, com o professor Wagner Braz, eu disse a ele: - Wagner, nós precisamos pensar em algo que vai resgatar a memória. Resgatar, era o termo que a gente usava. Resgatar a memória dessa escola. Como que nós podemos fazer isso? Olha, eu conheci esse livro através da diretora Hirlei. Ela me apresentou. O que você acha? Aí ele falou: - legal. E, olha, de 2009, demorou um pouquinho ainda para a gente ter acesso, compreender que a gente poderia participar do GEPEMHEP, que foi em 2013. Foi quando eu ingressei no GEPEMHEP. Então, na verdade, o que me chamou a atenção em participar do grupo de memória foi essa prática que eu tive lá na faculdade. E o professor nosso, que era excelente, de novo, professor influenciando, para que trabalhasse essa questão da memória. E esse livro, o primeiro livro de vocês, do grupo GEPEMHEP, que havia sido impresso e entregue em mãos pela diretora Hirlei. Foi aí que eu observei e falei: - não, não tem como fazer isso. E a partir de 2013, então, ingressando no clube de memórias, os nossos estudos, as nossas reflexões, as nossas produções, os artigos que a gente foi escrevendo. Em 2015, nós criamos o nosso centro de memória na Etec Pedro Ferreira Alves. Essa ideia do projeto de memória foi se consolidando. Foi se tornando mais madura.

MLMC: E como é que você vê a relação dos professores da comunidade escolar com o centro de memória?

FDP: Maria Lucia, eles adoram. Eles adoram o centro de memória. A relação é ótima, é muito boa, é de aceitação. No dia a dia, os funcionários mais antigos, eles se dirigem a mim sempre para contar algo que aconteceu na escola. Eu acho isso muito interessante. Eu já falei que eu tenho vontade de andar com o celular no áudio, e às vezes isso até acontece. A pessoa começa a falar alguma coisa e eu falo: espera aí, e ligo o gravador. Então, eles aceitam muito

bem, eles gostam. Os professores se dirigem muito a mim, sempre relatando algo sobre a memória da escola. Eles cobram demais, eles falam assim: - quando que vai estar aberto para gente visitar? Eu falo, mas vocês podem visitar a hora que vocês quiserem. É só vocês falarem comigo, agendar. Ah, mas a gente queria passear por lá. Não, mas aí eu explico todas as regras que nós temos ali da visitação, que é um centro de memória, não é um museu. Eu explico que nós não temos um funcionário destinado para cuidar ali do centro, que são projetos e o professor Wagner, a gente costuma abrir muito o centro de memória, principalmente para visitação da escola toda, nos meses de maio e de outubro. E aí, nós temos muita visitação nesses meses. E os professores se encantam com as fotografias, com a memória, os alunos também. Então, o centro de memória tem uma boa aceitação. Eu não vejo, assim, nem um diretor que não nos apoie. Agora, nós vamos ter mudança de diretor e não me preocupa. Eu tenho certeza, que nós vamos permanecer com esse espaço, sim. Ao contrário, na visão deles, o centro de memória poderia até ser mais ativo, ter mais atividade ainda. É que nos falta recurso humano, para deixá-lo mais atuante ali.

MLMC: Olha, Fábia, eu gostei muito de conversar com você e eu conversaria horas e horas, porque só a respeito do centro de memória, teria muita coisa. Porque eu me lembro, quando eu visitei o espaço da escola, é um espaço muito rico, inclusive com máquinas e exposição no pátio da escola. Vocês também estão pertinho da Fatec. Então, tem muita história em torno da escola que, inclusive, precisa ser escrita. E, realmente, você tem razão, a gente precisaria ter mais recursos. Mas, como nós também precisaríamos ter mais recursos para outros campos, dentro da própria educação, eu fico feliz de já termos a possibilidade de publicar um livro anualmente, de ter apoio institucional para criar um museu virtual. Esse apoio, realmente, ele é devido ao professor Almério Melquiades de Araújo, que também valoriza essa área de história da educação profissional e tecnológica. E, por isso, nós temos tantos projetos de HAE todos os anos. Eu acho que nós, de memória, provavelmente, somos um dos grupos que temos um número grande e constante, até por causa do GEPEMHEP. Porque, felizmente, nós somos que nem uma constelação. Nós temos um grupo fixo, que são os professores envolvidos com o GEPEMHEP e com os centros de memória, que são curadores. E temos professores que vão e voltam, às vezes não voltam, porque eles percebem que é um trabalho que consome muitas horas nossas e muito além do projeto de HAE. Porque precisa de muita leitura para poder escrever.

FDP: Sim, mas eu acho que nós somos privilegiados com as nossas HAEs. Eu não tenho queixa, não. Nós somos privilegiados, e eu acho que o nosso centro de memória está no ritmo necessário. A gente tem tido retorno, produção, é o que você fala, uns vão, outros nem voltam.

MLMC: Vão e não voltam, mas temos um grupo fixo.

FDP: Sim, mas eu acho que nós somos privilegiados e é necessário. Eu acho que é necessário ter essa história da educação profissional.

MLMC: Sim, inclusive pensando no laboratório de currículo. Você vê, currículo é um dos nossos eixos temáticos. O currículo é o coração lá na escola, através dele que tudo se desenvolve, tudo se desenrola, porque ele está ligado com as políticas públicas, mas também está ligado com as nossas práticas, com o plano de ensino, do trabalho docente, com o plano de ensino escolar. E a nossa história está ligada a esses documentos. Então é muito interessante, eu também adoro. Espero continuar bastante tempo na Paula Souza. Nós entramos no mesmo ano, só que eu entrei em fevereiro, você entrou em agosto.

FDP: É verdade.

MLMC: E eu sou simplesmente 20 anos mais velha do que você. Mas com relação a gente ter os mesmos interesses e os mesmos objetivos, eu acho que nós somos iguais e nós estamos aí batalhando. O ano que vem a gente vai começar a trabalhar mais na regulamentação dos centros de memória, porque a gente tem 22 anos de existência e 22 centros de memória. Embora na instituição conste no regulamento (regulamento das escolas técnicas), desde 2006, e isso graças a Julia Falivene. Eu fiz uma entrevista de história oral e obtive a informação que a Julia Falivene participou da revisão do regulamento das escolas técnicas. E, nessa revisão, foi incluso a questão da memória, porque esse projeto já vinha acontecendo, desde 96. Então você vê assim que é um trabalho longo, mas que aos poucos vai crescendo, vai crescendo.

FDP: Sim, sim.

MLMC: Então muito obrigada, eu vou transcrever essa entrevista, vou passar para você com os termos de autorização e depois a nossa intenção é ter um e-book só com os nossos curadores de centro de memória. Obrigada.

FDP: Eu que agradeço a professora Maria Lucia pelo convite, fico muito grata mesmo por ter participado da história da educação profissional, mais precisamente da Etec que eu leciono, da e-tech do Federal. Eu agradeço imensamente, viu?

MLMC: Muito obrigada, foi uma satisfação. Bom dia.

FDP: Bom dia.

Descritores

História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Docentes em centros de memória
Etec Pedro Ferreira Alves
Centro de Memória
Curador
Fábia Dovigo Pais
Wagner Braz
Maria Lucia Mendes de Carvalho
Unidade de Ensino Médio e Técnico
GEPEMHEP
Clube de Memórias
Julia Falivene Alves
Almério Melquíades de Araújo
Técnico em Secretariado
Técnico em Mecânica

Dados Biográficos da Entrevistada



Fábia Dovigo Pais - Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário Amparense (1994). Complementação Pedagógica em Português pela Faculdade Maria Imaculada (1999). Leciona o componente curricular de História no ensino médio e técnico da Escola Técnica Estadual Pedro Ferreira Alves (2000- 2023). Experiência na área de História, com ênfase em História Oral, atuando principalmente nos seguintes temas: arquivística, ações educativas, história oral, arquitetura e memória e história. CV: <http://lattes.cnpq.br/8185029895908273>
Acesso em: 16 mar. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPemHEP). Tem

experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Fábيا Dovigo Pais

Termo de uso de Imagem de Fabia Dovigo Pais

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Fábيا Dovigo Pais